

LINGUASAGEM

DÚVIDA: A CONSTRUÇÃO DE UMA CERTEZA

Vinicius Massad CASTRO¹

Resumo

O filme *Dúvida*, escrito e dirigido pelo americano John Patrick Shanley (2008), ao contar a história da Irmã Aloysius contra o suposto assédio cometido pelo Padre Flynn, em 1964 na escola católica São Nicolas do Bronx, bairro novaiorquino, conta-nos sobre a construção de uma certeza cuja relação com a dúvida é contraditória: a nega, durante a perseguição ao Padre, e a assume, após o Padre ser transferido para outra paróquia. Neste artigo, buscamos compreender como a certeza de Aloysius se constrói nessa contradição. Em um primeiro momento, por meio de uma análise argumentativa fundamentada na Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002, 2011, 2018), recortamos trechos do roteiro cinematográfico do filme a fim de analisarmos como a certeza de Aloysius é construída durante a perseguição ao Padre. Em um segundo momento, analisamos como a certeza de Aloysius, seja ao negar, seja ao assumir a dúvida, não se confunde com o modo como certezas podem ser construídas pela prática da pós-verdade, o que teria inspirado Shanley a escrever a história do filme.

Palavras-chave: certeza; dúvida; pós-verdade; argumentação; semântica.

Abstract

The movie *Doubt*, written and directed by the american John Patrick Shanley (2008), in telling us the story of Sister Aloysius against the alleged harassment committed by Father Flynn in 1964, in Saint Nicholas school, a catholic school located in Bronx (a district of New York city), tell us about the construction of a certainty with a contradictory relationship with doubt: it denies it, during the discussion with the Priest, and it assumes it after the Priest is transferred to another church. In this paper, we analyse how Aloysius' certainty is constructed in this contradiction. In a first moment, based on an argumentative analysis in the framework of the Semantics of Events (GUIMARÃES, 2002, 2011, 2018), we cut parts of the movie script to analyse how Aloysius' certainty is constructed during the discussion with the Priest. In a second moment, we analyse how Aloysius' certainty, in denying or assuming doubt, is not constructed the same way certainties can be constructed by post-truth practice, what had inspired Shanley in writing the movie story.

Keywords: certainty; doubt; post-truth, argumentation, Semantics.

¹ Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). E-mail: vinimc831@gmail.com.

Introdução

Entre as enunciações que se destacam em nossa sociedade contemporânea estão aquelas ditas de lugares de poder de diferentes instituições sociais que, pelo apelo a crenças e emoções, significam como certezas inquestionáveis apoiadas no excesso de sua reprodução. A pós-verdade, como tem sido denominada a prática dessas enunciações, popularizou-se, pelo menos no âmbito político, desde 2003, quando os Estados Unidos da América, sob a alegação de haver armas de destruição em massa no Iraque, invadiu o país árabe, o que se transformou em uma guerra de 8 anos mesmo após confirmada a não existência de tais armas.

Inspirado nesse acontecimento histórico, o dramaturgo norte americano John Patrick Shanley escreve, em 2004, a peça teatral *Dúvida: uma parábola*. Muito premiada e prestigiada nos Estados Unidos, a peça foi encenada em diversos países, inclusive no Brasil, sob a direção de Bruno Barreto em 2006. Em 2008, ela se torna o filme *Dúvida*, escrito e dirigido pelo próprio Shanley, exibido nas salas comerciais de cinema de vários países. Em breves palavras, o filme conta a história de um suposto assédio cometido em 1964 pelo Padre Flynn contra Donald Miller, primeiro aluno negro aceito na escola católica São Nicolas, localizada no Bronx, bairro novaiorquino. Flynn teria dado vinho para Donald e deixado o aluno levar a culpa após chama-lo para uma reunião privada na casa paroquial. A diretora da escola, Irmã Aloysius, toma a dúvida como certeza até confrontar o Padre exigindo sua transferência da Igreja e da escola. Realizada a transferência de Flynn, a diretora, em conversa com a professora de Donald, Irmã James, não demonstra alegria e nem alívio, mas chora dizendo ter dúvidas. É a cena final do filme:

IRMÃ ALOYSIUS – Oh, Irmã James!

IRMÃ JAMES – O que é, Irmã?

IRMÃ ALOYSIUS – Eu tenho dúvidas! Eu tenho tantas dúvidas!

Irmã Aloysius está tomada por emoção. Irmã James coloca sua mão para confortá-la. Ela se ajoelha ante a Irmã Aloysius.

FIM.

(SHANLEY, 2008, p.93) [tradução minha].

Ao contar a história de Aloysius, o filme de Shanley (2008) conta a história de uma certeza cuja construção tem uma relação contraditória com a dúvida: a negação da dúvida, desde o seu levantamento até o confronto contra o Padre Flynn; e a assunção da dúvida conforme vemos na cena final do filme. Interessamos analisar a construção

dessa certeza aqui a fim de compreendermos sua relação contraditória com a dúvida e se, nessa relação, é possível caracterizá-la como certeza constituída pela prática da pós-verdade. O funcionamento contraditório entre dúvida e certeza não é previsto, por exemplo, por Wittgenstein (1969). Para o filósofo, a certeza sempre precede a dúvida, segundo o seu conjunto de anotações intitulado *Da certeza*: “(...) as *perguntas* que formulamos e as nossas *dúvidas* dependem do fato de certas proposições estarem isentas de dúvida serem como que dobradiças em volta das quais as dúvidas giram” (WITTGENSTEIN, 1969, p.99); “Comportamento de dúvida e de não dúvida. Só há o primeiro se houver o segundo” (WITTGENSTEIN, 1969, p.103).

A partir de uma análise argumentativa fundamentada na Semântica do Acontecimento (GUIMARÃES, 2002, 2011, 2018), cujo quadro teórico-metodológico apresentamos no item 1, mostramos, no item 2, por meio de recortes do roteiro cinematográfico do filme, como a negação da dúvida constitui a certeza do assédio para Aloysius até o seu confronto verbal contra Flynn. Em seguida, no item 3, buscamos compreender, em relação à caracterização enunciativa e discursiva da pós-verdade (ZOPPI FONTANA, 2018), como a certeza de Aloysius, quando nega ou assume a dúvida, constitui-se de um modo diferente das certezas na pós-verdade. Desse modo, esperamos contribuir com os estudos desenvolvidos pelo Grupo Linguagem, Enunciação, Discurso (LED) que, desde 2017, tem buscado compreender a certeza como efeito de sentido na linguagem pela perspectiva das teorias materialistas dos estudos da linguagem.

Semântica do acontecimento e argumentação linguística

Inscrita no domínio dos estudos enunciativos², a semântica do acontecimento define a enunciação como um acontecimento enunciativo. A enunciação é acontecimento, pois instala a sua própria temporalidade. Ela constitui um presente que, inscrito na memória interdiscursiva, projeta um passado e um futuro. O passado se configura como memorável, uma “rememoração de enunciações”, que não se confunde

² Em linguística, os artigos de Émile Benveniste organizados nos Problemas de Linguística Geral (2005 [1966], 2006 [1974]) sobre a subjetividade na linguagem são fundamentais para a o desenvolvimento da reflexão no interior dos estudos enunciativos. Em linhas gerais, esses artigos questionam a imanência da língua em relação à fala postulada pelo Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure (2004 [1916]), obra que fundamentou o estruturalismo na primeira metade do século XX. Ao mostrar que elementos como pronomes pessoais, morfemas temporais, só adquirem valor linguístico quando um sujeito enuncia, Benveniste questiona a ideia de que o estudo da língua poderia desprezar ou ter prioridade em relação ao estudo da fala.

com recordações pessoais ou fatos acontecidos anteriormente. O futuro se configura como “latência de futuro”, uma projeção de sentidos que viabiliza a interpretação da enunciação (GUIMARÃES, 2002, p.12).

Nessa perspectiva, quebra-se a ilusão de que conseguimos controlar os sentidos de nosso dizer ou de que nossas intenções ao dizer *x*, serão sempre entendidas como *x*. A enunciação tem um funcionamento próprio segundo sua temporalidade, e é ele que determina os sentidos do dizer pela/na história contada por seu presente, passado, futuro. Somos agenciados em falantes segundo o tempo e a história da enunciação e não segundo nossas intenções.

Enquanto acontecimento em um espaço de enunciação³, toda enunciação é constituída pelo político. “O político é um conflito entre uma divisão normativa e desigual do real e uma redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento” (GUIMARÃES, 2002, p.16). Ao serem agenciados pelo acontecimento enunciativo, os falantes se dividem segundo “seus direitos ao dizer e aos modos de dizer” (GUIMARÃES, 2002, p.18).

Isso significa que não podemos dizer qualquer coisa de qualquer modo. Falamos o que nos é permitido segundo lugares histórico-sociais que ocupamos nos espaços de enunciação configurados na relação entre falantes e línguas. Dentro da Igreja católica, por exemplo, a política do dizer já teve o latim como língua dos representantes da Igreja, e hoje tem a língua oficial do país como a língua partilhada entre os representantes da Igreja e dos fiéis. Mas, se a língua é, em princípio, a mesma, os direitos ao dizer são diferentes, determinados pela estrutura hierárquica da instituição. Como veremos em nossas análises, não é do lugar de freira que Aloysius afirma que o Padre deu vinho para Donald beber, mas do lugar social de diretora da escola que, junto ao lugar social de freira, ocupa na instituição escolar. Guimarães trata descritivamente dessa questão pelo conceito de cena enunciativa.

A cena enunciativa se configura por uma relação entre as figuras da enunciação e as formas linguísticas (GUIMARÃES, 2002, p.23). As figuras enunciativas são três. O Locutor “é o lugar que se representa no próprio dizer como fonte deste dizer” (GUIMARÃES, 2002, p.23). Esse é lugar do dizer no tempo cronológico. O *l-x* representa o lugar social que o Locutor pode ocupar, o de padre, professor, fiel

³ “(...) espaços de funcionamento de línguas, que se dividem, redividem, se misturam, desfazem, transformam por uma disputa incessante” (GUIMARÃES, 2002, p.18).

religioso, diretora escolar, etc. Esse lugar e o do enunciador dividem o Locutor na temporalidade do acontecimento.

O enunciador é um lugar de dizer não socialmente caracterizado que pode apresentar a enunciação de quatro modos diferentes. O individual: quando apresenta o dizer “como aquele que está acima de todos”, (GUIMARÃES, 2002, p.25), retirado de sua própria circunstancialidade; o genérico: quando apresenta o dizer como um senso comum repetível sempre indiferente ao contexto; o universal: apresenta o dizer como submetido ao regime do verdadeiro ou falso, pois diria respeito a um fato do mundo cuja realidade seria verificável; e o coletivo: apresenta o dizer como sendo aquele dito por um todos de um grupo homogêneo⁴.

Para a Semântica do Acontecimento, há argumentação na língua porque o acontecimento enunciativo é constituído politicamente⁵. A redivisão pela qual os desiguais afirmam seu pertencimento ocorre pela argumentação. Quando isso está no escopo de análise, a descrição da cena enunciativa é importante, pois, “a argumentação significa a sustentação do que se enuncia, produzida pela enunciação” (GUIMARÃES, 2018, p.125) e o que se enuncia, em termos de argumentos e conclusões, sustenta-se na cena enunciativa.

Fundamentada no materialismo histórico⁶, a semântica de Eduardo Guimarães não se restringe a analisar a argumentação linguística na segmentalidade dos

⁴ A ilusão de que teríamos controle sobre os sentidos é produzida no nível enunciativo pelos enunciadores que, segundo Guimarães (2002, p.30), apagam o lugar social de locutor (l-x) significando a enunciação como algo dito fora ou independente da história do acontecimento.

⁵ Esse posicionamento desloca os estudos argumentativos da Semântica do Acontecimento daqueles produzidos pela Semântica Argumentativa de Oswald Ducrot, responsável, junto com Jean-Claude Anscombe, por tornar a argumentação uma questão de pesquisa para a linguística moderna na década de 1970 (DUCROT, 1980 [1973]; ANSCOMBRE e DUCROT, 1983 [1976], 1980 [1978], entre outros). Para esses autores, há argumentação na língua porque o Locutor ao enunciar certos advérbios, conjunções ou preposições organiza os enunciados articulados por essas palavras, tomadas como operadores argumentativos, em argumentos dentro de uma escala de força que autorizaria uma determinada conclusão. Encadeamentos com a conjunção *até mesmo* constituem os exemplos clássicos. Quando um locutor diz “A festa foi um sucesso. Todos os alunos e até mesmo os funcionários da diretoria participaram”, é o *até mesmo* que permite o encadeamento desses dois enunciados. Essa conjunção constitui uma escala argumentativa na qual “Todos os alunos [participaram]” e “Os funcionários da diretoria participaram” funcionam como argumentos cuja orientação argumentativa autoriza a conclusão “A festa foi um sucesso”. E, nessa escala, o enunciado “Os funcionários da diretoria participaram” é o argumento mais forte para a conclusão em questão.

⁶ Posição inspirada em Marx e, na reflexão sobre a linguagem, constituída no diálogo com a análise de discurso de linha francesa na obra de Michel Pêcheux (1988 [1975], 2008 [1983]) na França e na leitura desse autor e seu grupo feita por Eni Orlandi (1988, 1992, 1999) no Brasil. Para a análise de discurso o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, inscrevendo-se no interdiscurso: “conjunto do dizível, histórica e linguisticamente determinado” (ORLANDI, 1992, p.89).

enunciados⁷, mas na relação de integração destes com o texto⁸. As unidades de análise argumentativa podem ser então *recortes* desses textos, o que Guimarães (2011, p.44) entende como fragmentos de acontecimentos enunciativos, inspirado no modo como a análise de discurso delimita essa noção (ORLANDI, 1984).

Nos recortes, a argumentação se configura politicamente. Ela não tem um funcionamento escalar, a orientação argumentativa não é unívoca, o que costuma ser representado pelo esquema A ---} C (em que A é um argumento e C uma conclusão). A orientação é difusa porque a argumentação se constitui em teias argumentativas: “argumentos e conclusões não são estanques – conclusões acabam servindo como argumentos para outras conclusões e os mesmos argumentos orientam para mais de uma conclusão” (ELIAS DE OLIVEIRA, 1998, p.96). Nas teias argumentativas, a força argumentativa de enunciados não se limita ao modo como operadores argumentativos constroem a argumentação, mas, principalmente, pelo modo como são sustentados nas teias segundo a configuração da cena enunciativa. No caso de nossas análises, a força argumentativa da certeza de Aloysius será determinada também por cenas que, na divisão política do dizer dos sujeitos a par da relação entre Donald e Flynn, deem respaldo a sua certeza. Por respaldo compreendemos cenas enunciativas cujas orientações argumentativas estejam em relação parafrástica⁹, isto é, cujas conclusões apontem para uma mesma região de sentidos daquelas da cena em análise, no caso, a de Aloysius.

A seguir recortamos trechos do roteiro cinematográfico do filme *Dúvida* de J. P. Shanley (2008) a fim de compreendermos como a certeza de que o Padre Flynn deu vinho para Donald beber e o deixou levar a culpa é construída na teia argumentativa da Irmã Aloysius, diretora da escola, até o seu confronto verbal contra o Padre. Na medida

⁷ Fundamentada no estruturalismo, a semântica de Ducrot e Anscombe analisa a argumentação linguística na segmentalidade de enunciados. Suas unidades de análise costumam ser então advérbios, conjunções ou preposições (os chamados operadores argumentativos), verbos e morfemas que desencadeariam pressuposição (DUCROT, 1977 [1972]), marcas linguística de pessoa (DUCROT, 1987 [1984]) e mais comumente, a partir da década de 1990, com o desenvolvimento do conceito de bloco semântico por Marion Carel, as chamadas palavras cheias (CAREL e DUCROT, 2006).

⁸ Para Guimarães, um texto não é um composto de enunciados, mas uma integração de enunciados. Por isso, o autor entende que, em um texto, o sentido não necessariamente se constitui na segmentalidade entre os elementos linguísticos, mas numa “relação transversal entre elementos diversos e a unidade à qual se reportam” (GUIMARÃES, 2011, p.43).

⁹ A Análise de Discurso entende que o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos: “os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação” (ORLANDI, 1999, p.36).

em que essa certeza será construída a partir da dúvida em torno de o porquê de Donald se comportar como se comportou após a reunião com o Padre na casa paroquial, representamos a teia argumentativa de Aloysius encadeando seus argumentos e conclusões com um PORQUE.

Análises

O primeiro recorte que fazemos no roteiro cinematográfico do filme é o de um diálogo entre a Irmã James e a Irmã Aloysius. Nele, a primeira busca a diretora para conversar sobre o comportamento de Donald Miller uma semana após ser chamado para uma reunião privada com o Padre Flynn na casa paroquial.

IRMÃ ALOYSIUS – O que você viu?

IRMÃ JAMES – É desconfortável olhar para pessoas com suspeitas. Eu me sinto mais longe de Deus.

IRMÃ ALOYSIUS – Quando você dá um passo para enfrentar a transgressão [*wrongdoing*], você está dando um passo para longe de Deus, mas a serviço Dele. O que você viu?

(...)

IRMÃ JAMES – Ele chamou Donald Miller para a sala paroquial.

IRMÃ ALOYSIUS – Para o quê?

IRMÃ JAMES – Uma conversa.

IRMÃ ALOYSIUS – Sozinho?

IRMÃ JAMES – Sim.

IRMÃ ALOYSIUS – Quando?

IRMÃ JAMES – Uma semana atrás, durante a aula.

IRMÃ ALOYSIUS – Por que você não me contou?

IRMÃ JAMES – Eu não achei que houvesse alguma coisa errada com isso.

IRMÃ ALOYSIUS – Entre todas as crianças. Donald Miller. Eu acredito que faz sentido.

IRMÃ JAMES – Como faz sentido?

IRMÃ ALOYSIUS – Ele é isolado.

IRMÃ JAMES – Eu não sei se há algo errado!

IRMÃ ALOYSIUS – Nosso primeiro aluno negro. Eu pensei que haveria briga. Um pai ou dois para lidar. Eu deveria ter previsto essa possibilidade.

IRMÃ JAMES – Como você poderia ter imaginado isso?

IRMÃ ALOYSIUS – Bem, é meu trabalho ofuscar a raposa na esperteza. Esse é o meu trabalho!

IRMÃ JAMES – Mas talvez não seja nada!

A Irmã Aloysius se senta próximo a ela.

IRMÃ ALOYSIUS – Então por que você parece que viu o Diabo?

IRMÃ JAMES – Foi só pelo modo como ele agiu depois que voltou para classe.

IRMÃ ALOYSIUS – Ele disse algo?

IRMÃ JAMES – Não. Foi a sua expressão. Ele pareceu assustado e... ele colocou a cabeça dele sobre a mesa de um modo muito peculiar. E... (Dificuldades)
E mais uma coisa. Eu acho que havia álcool no hálito dele. HAVIA álcool no hálito dele.
(SHANLEY, 2008, p.32-35) [tradução minha].

A dúvida sobre o tipo de relação do Padre Flynn com Donald Miller é construída nesse diálogo. Essa dúvida não se coloca primeiramente para Irmã Aloysius, mas para Irmã James, professora de Donald. No entanto, é o enunciado de Aloysius, “Quando você dá um passo para enfrentar a transgressão [*wrongdoing*], você está dando um passo para longe de Deus, mas a serviço Dele”, que permite a Irmã James enunciar sua suspeita. Dar um passo para longe de Deus é dar um passo para longe da instituição que diz para as Irmãs quem é Deus: a Igreja católica. É, portanto, dar um passo para longe do lugar que ocupam dentro dela, o de freiras, para produzir uma suspeita que, desse lugar, a instituição não permite. Do lugar de freira, Aloysius e James não podem sustentar uma suspeita sobre o padre da paróquia em que trabalham. O enunciado de Aloysius permite então que ela e James deixem o lugar de freiras para que a suspeita contra o padre seja feita na interlocução entre o lugar social de diretora e o lugar social de professora que ocupam respectivamente dentro da instituição escolar.

Além disso, o passo para longe de Deus é dado para enfrentar a transgressão [*wrongdoing*]. Esse enunciado de Aloysius abre uma futuridade para que alguém seja significado como transgressor e outro alguém seja significado como transgredido. Esses sentidos determinarão os argumentos que implicitamente construirão as certezas de Aloysius sobre a relação entre o Padre e o aluno a partir da dúvida de James.

A enunciação da Irmã James formula enunciados que funcionam como conclusões. A dúvida da professora está em saber por que Donald se comportou como se comportou após a reunião e por que seu hálito continha álcool. A dúvida se pergunta por um “por quê?” a fim de encontrar argumentos para fundamentar as conclusões postas pela Irmã. Essas conclusões são três e estão determinadas pela sua posterioridade à conversa privada com o Padre Flynn. Podemos esquematizá-las em (1) do seguinte modo:

(1)

Após uma conversa privada com Padre Flynn: (C.1) Donald Miller pareceu assustado; (C.2) Donald Miller colocou sua cabeça sobre a mesa de um modo peculiar; (C.3) Havia álcool no hálito de Donald Miller PORQUE...

A dúvida que se forma a partir de (1), na enunciação do lugar de locutora-professora, ocupado pela Irmã James, e do lugar de locutora-diretora, ocupado pela Irmã Aloysius, não constituem teias argumentativas semelhantes. A teia da dúvida na enunciação da professora não se fecha em nenhum argumento. Ela fica aberta quando a freira afirma “Eu não sei se há algo de errado” e que “talvez não seja nada!”. Já a teia argumentativa da diretora nega a dúvida ao, a partir dela, fechar-se em argumentos que significam uma atitude imprópria do Padre para com Donald. Esses argumentos não são explicitados no recorte. Eles ficam implícitos na enunciação quando a diretora formula enunciados como “Ele [Donald] é isolado” e “Eu deveria ter previsto essa possibilidade. O meu trabalho é ofuscar a raposa na esperteza (...)”. Esses enunciados entram na teia argumentativa da diretora como se, para as conclusões em (1), já houvesse enunciados funcionando como argumentos e argumentos que significam negativamente uma atitude imprópria do Padre para com Donald. A afirmação “Ele [Donald] é isolado”, por exemplo, não funciona bem como argumento direto de (C.1) *Donald Miller pareceu assustado*, (C.2) *Donald Miller colocou sua cabeça sobre a mesa de um modo peculiar* e (C.3) *Havia álcool no hálito de Donald Miller*, como vemos no esquema (1a) abaixo:

(1a)

Após uma conversa privada com Padre Flynn: (C.1) Donald Miller pareceu assustado; (C.2) Donald Miller colocou sua cabeça sobre a mesa de um modo peculiar; (C.3) Havia álcool no hálito de Donald Miller PORQUE (A) Donald é isolado.

Além disso, (1a) não funcionaria bem como um argumento para a conclusão “Eu deveria ter previsto essa possibilidade...” se tivéssemos por exemplo (1a) PORTANTO Eu deveria ter previsto essa possibilidade. O meu trabalho é ofuscar a raposa na esperteza (...). Por outro lado, “Ele [Donald] é isolado” não se articula bem a uma teia na qual as conclusões de (1a) tivessem um argumento que significasse uma atitude positiva de Flynn para com o aluno. Vejamos o esquema (1b) abaixo. Nele, a explicação dada pelo próprio Padre Flynn – “O Sr. McGuinn [zelador da igreja] pegou Donald bebendo vinho do altar. Quando eu descobri, eu o chamei. Houve lágrimas. E ele implorou para não ser removido do grupo de coroinhas” (SHANLEY, 2008, p.52) – na reunião com a diretora e a professora, após o levantamento da dúvida, é, ao mesmo tempo, o argumento (A.1), *O Padre descobriu que Donald bebeu vinho do altar e Donald implorou para não ser removido do grupo de coroinhas*, para (C.1) *Donald Miller pareceu assustado*, (C.2) *Donald Miller colocou sua cabeça sobre a mesa de um modo peculiar*, e (C.3) *Havia álcool no hálito de Donald Miller*, e a conclusão (C.4) *O*

Padre descobriu que Donald bebeu vinho do altar e Donald implorou para não ser removido do grupo de coroinhas, para o argumento (A.2) Donald é isolado.

(1b)

Após uma conversa privada com Padre Flynn: (C.1) Donald Miller pareceu assustado; (C.2) Donald Miller colocou sua cabeça sobre a mesa de um modo peculiar; (C.3) Havia álcool no hálito de Donald Miller PORQUE (A.1/C.4) o Padre descobriu que Donald bebeu vinho do altar e Donald implorou para não ser removido do grupo de coroinhas PORQUE (A.2) Donald é isolado.

O enunciado “Ele [Donald] é isolado” não se encadeia bem como argumento para (C.4). Ele se encadeia melhor a enunciados que dizem sobre uma atitude imprópria do Padre para com o aluno implícitos no diálogo entre Aloysius e James. Esses enunciados serão explicitados pela diretora em seu diálogo de confronto com o Padre no último ato do filme como veremos a seguir. No entanto, a teia argumentativa da diretora já produz o efeito de certeza quanto a uma atitude imprópria do Padre para com o aluno desde a enunciação da dúvida de James. Os enunciados “Ele [Donald] é isolado” e “Eu deveria ter previsto essa possibilidade. O meu trabalho é ofuscar a raposa na esperteza...” só se desenvolvem em sua teia argumentativa por conta desses argumentos implícitos, o que nega a dúvida de James produzindo um efeito de certeza.

A dúvida também é negada no diálogo de confronto da diretora com o Padre ao final do filme como podemos ver a partir do segundo recorte abaixo:

IRMÃ ALOYSIUS – Eu tenho suspeitas.
FLYNN – Apenas deixe-as. Não é importante.
IRMÃ ALOYSIUS – Eu decidirei o que é importante.
FLYNN – POR QUE você suspeita de mim? O que eu fiz?
IRMÃ ALOYSIUS – Você deu vinho para o garoto, e você o deixou levar a culpa.
FLYNN – Isso é completamente falso. Você conversou com o Sr. McGuinn?
IRMÃ ALOYSIUS – Tudo o que McGuinn sabe é que o garoto bebeu vinho. Ele não sabe como ele chegou a beber.
FLYNN – A mãe dele acrescentou alguma coisa sobre isso?
IRMÃ ALOYSIUS – Não.
FLYNN – Então é isso.
IRMÃ ALOYSIUS – Eu não estou satisfeita.
(SHANLEY, 2008, p.80-81). [tradução minha]

Nesse recorte, a diretora diz ter suspeitas, o que demonstra dúvida, mas sua enunciação se contradiz com enunciados que finalmente explicitam os argumentos de uma atitude imprópria do Padre para com o aluno: “Você deu vinho para o garoto, e você o deixou levar a culpa”. Esse enunciado se encadeia na teia argumentativa da

diretora como argumentos e produzem a certeza de que o comportamento de Donald, visto por James após a reunião privada com Flynn, fora causado pelo Padre. Em (2) reconstruímos a teia argumentativa de Aloysius:

(2)

Após uma reunião privada com Padre Flynn: (C.1) Donald Miller pareceu assustado; (C.2) Donald Miller colocou sua cabeça sobre a mesa de um modo peculiar; (C.3) Havia álcool no hálito de Donald Miller PORQUE (A1) O Padre Flynn deu vinho para o garoto e o deixou levar a culpa.

Em (2a) abaixo vemos como as afirmações “Ele [Donald] é isolado” e “Eu deveria ter previsto essa possibilidade...”, ditas no primeiro recorte, encadeiam-se de modo mais coerente à argumentação de Aloysius quando “Você deu vinho para o garoto, e o deixou levar a culpa” funciona como argumento (A1), para as conclusões (C.1) *Donald Miller pareceu assustado*, (C.2) *Donald Miller colocou sua cabeça sobre a mesa de um modo peculiar* e (C.3) *Havia álcool no hálito de Donald Miller*, e como conclusão (C.4) para (A2) *Donald é isolado*, assim como todo o complexo (2a) funciona como argumento para a conclusão (C.5) *Eu deveria ter previsto essa possibilidade. O meu trabalho é ofuscar a raposa na esperteza*:

(2a)

[Após uma reunião privada com Padre Flynn: (C.1) Donald Miller pareceu assustado; (C.2) Donald Miller colocou sua cabeça sobre a mesa de um modo peculiar; (C.3) Havia álcool no hálito de Donald Miller PORQUE (A1/C.4) O Padre Flynn deu vinho para o garoto, e o deixou levar a culpa PORQUE (A2) Donald é isolado] PORTANTO (C.5) Eu deveria ter previsto essa possibilidade. O meu trabalho é ofuscar a raposa na esperteza.

Diante da argumentação formada por (2a), o Padre busca contra argumentar a Irmã perguntando a ela sobre o que diz o zelador, Sr. McGuinn, e a mãe do garoto, Sra. Miller, sobre o comportamento do filho. Segundo Aloysius, a mãe não teve nada a acrescentar e o zelador não sabe como o garoto chegou a beber o vinho. Esses esclarecimentos servem para o Padre contra argumentar a Irmã (“Então é isso”), pois, na divisão política da enunciação, o lugar social de mãe e o lugar de zelador, envolvidos na situação, poderiam respaldar a argumentação da diretora, mas não o fazem. Em outro momento do diálogo, por exemplo, vemos também o Padre afirmar que “A Irmã James está convencida de que eu sou inocente” (SHANLEY, 2008, p.82). A força argumentativa da teia da diretora é diminuída na medida em que ela não é respaldada por outros lugares sociais de dizer.

Aloysius sustenta sua argumentação em (2) sob a afirmação “Eu não estou satisfeita”. Esse enunciado reforça a sustentação da argumentação da diretora posta desde o início do diálogo ao responder ao Padre: “Eu decidirei o que é importante”. Essas duas afirmações são produzidas de um lugar de enunciador que apresenta a argumentação da diretora como individual e do lugar social de diretora, pois, na interlocução com um Padre, uma freira não teria poder de decisão e não poderia se dizer insatisfeita com a argumentação dele.

Mas isso não é suficiente para reforçar a teia argumentativa da diretora contra o Padre. Ela menciona então uma suposta conversa que teve com uma freira da paróquia onde Flynn trabalhou anteriormente (SHANLEY, 2008, p.84-85). Porém, como descobrimos na cena final do filme, antes de a Irmã Aloysius chorar dizendo ter dúvidas, ela confessa para Irmã James que essa conversa com a freira nunca ocorreu. Foi uma mentira contada por Aloysius no confronto com Flynn. Se essa conversa com a freira respalda a argumentação da diretora, ela respalda pela mentira. Isso nos mostra que, na divisão política do dizer, quando uma certeza que nega a dúvida não tem respaldo em outras cenas enunciativas, ela pode se valer de uma mentira para forjar uma cena a fim de ganhar força argumentativa.

A mentirosa conversa com a freira concluiria sobre o Padre ter tocado em alguma criança. Quando a freira é confrontada pelo Padre dizendo que ela não tem provas (“Você não tem a menor prova de nada”), ela responde ter certeza (“Mas eu tenho minha certeza...”), embora não deixe de perguntar ao Padre se ele deu vinho para Donald beber:

FLYNN – Eu sou um bom padre!
IRMÃ ALOYSIUS – Você vai procurar outra criança e outra criança, até você ser impedido.
FLYNN – Com qual freira você falou?
IRMÃ ALOYSIUS – Eu não direi.
FLYNN – Eu não toquei em nenhuma criança.
IRMÃ ALOYSIUS – Você tocou.
FLYNN – Você não tem a menor prova de nada.
IRMÃ ALOYSIUS – Mas eu tenho minha certeza, e armada com isso, eu irei a sua última paróquia, e a anterior a essa se necessário. Eu encontrarei um pai. Confie em mim, Padre Flynn, eu encontrarei.
FLYNN – Você não tem o direito de agir por conta própria! Você fez votos, sendo um deles a obediência! Você responde a nós! Você não tem direito de pisar para fora da Igreja!
IRMÃ ALOYSIUS – Eu vou pisar para fora da Igreja se isso for necessário, até que a porta se feche atrás de mim! Eu farei o que precisa ser feito, mesmo que eu seja condenada ao inferno!

Durante esse dizer, ela brande o rosário e então o esmaga.

IRMÃ ALOYSIUS – Você deveria entender isso, ou você vai se ver comigo. Agora, você deu vinho para Donald Miller beber?

(...)

IRMÃ ALOYSIUS – Você deu vinho para Donald Miller beber?

FLYNN – Não.

IRMÃ ALOYSIUS – Reserva mental?

FLYNN – Não.

IRMÃ ALOYSIUS – Você mente. Muito bem então. Se você não vai sair do meu escritório, eu vou. E assim que eu for, eu não vou parar.

Ela vai até a porta. De repente, um novo tom aparece na voz dele.

FLYNN – Espere!

A CHUVA pára. Um silêncio cai.

FLYNN – Eu não posso dizer tudo, você entende? Há coisas que eu não posso dizer. Mesmo se você não consegue imaginar a explicação, Irmã, lembre-se que há coisas para além do seu conhecimento. Mesmo que você sinta certeza, isso é uma emoção, não um fato.

IRMÃ ALOYSIUS – Você vai pedir transferência e pedir afastamento até que lhe seja garantido.

(SHANLEY, 2008, p.85-87). [tradução minha]

O Padre contra argumenta a afirmação da certeza da diretora do lugar de um enunciador coletivo: “Você não tem o direito de agir por conta própria! Você fez votos, sendo um deles a obediência! Você responde a nós! Você não tem direito de pisar para fora da igreja!” O “nós”, nessa enunciação do Padre, significa a Igreja católica. Flynn pode falar desse lugar na medida em que o lugar social de padre, dentro da Igreja, é superior ao da freira, ocupado pela Irmã Aloysius em sua interlocução com ela. Desse modo, a enunciação de Flynn funciona como um argumento de autoridade, sustentado pelo o que a instituição católica considera como os direitos e votos de uma freira: ela não tem o direito de agir por conta própria, não tem o direito de pisar para fora da igreja, fez o voto de obediência.

No entanto, Aloysius é indiferente a esse dizer do Padre porque ela não estabelece com ele uma interlocução do lugar social de freira, mas, como já dissemos, do lugar social de diretora da escola. Como sabemos, ela mente sobre a conversa com a freira, além disso, ela diz que descumprirá seu dever de não sair de dentro da Igreja e diz não se importar se for condenada ao inferno. O que o Padre deve entender, quando Aloysius diz “Você deveria entender isso, ou você vai se ver comigo”, é isso: ela não o

confronta do lugar de freira, do contrário, esse diálogo jamais aconteceria. A certeza que ela diz ter não é constituída enquanto ela fala como freira, mas enquanto fala como diretora da escola. E quando acusada de não ter provas – “FLYNN – Você não tem a menor prova de nada / IRMÃ ALOYSIUS – Mas eu tenho minha certeza...” (SHANLEY, 2008, p.85) [sublinhado meu] –, a afirmação de possuir uma certeza funciona, para ela, como o argumento mais determinante tendo em vista a descrição da coordenação de enunciados por *mas* em Ducrot (1980 [1973], p.189)¹⁰.

Quanto às duas perguntas de Aloysius sobre o Padre ter dado vinho para Donald (“Agora, você deu vinho para Donald Miller beber?” / “Você deu vinho para Donald Miller beber?”), se elas podem ser uma tentativa de fazer o Padre confessar, a questão é: por que ela precisa fazê-lo confessar se, no início do diálogo, no segundo recorte, a diretora já afirmou que o Padre deu vinho para Donald? Além disso, para a diretora, a resposta negativa de Flynn é uma mentira (“Você mente”). Sua certeza construída pela argumentação em (2a) nega sua dúvida formulada pelas perguntas, o que vai levar o Padre a confessar sobre haver coisas que ele não pode dizer e fazê-lo pedir transferência como ordena Aloysius.

Embora até aqui a certeza de Aloysius seja construída por um “sentimento de certeza”, baseado numa emoção, considerando o que lhe diz Flynn no último período de sua última fala no recorte (“Mesmo que você sinta certeza, isso é um emoção, não um fato”), ela não se configura aqui, e nem quando assume a dúvida, como prática da pós-verdade. Tratamos sobre isso a seguir.

A certeza de Aloysius e a certeza na pós-verdade

Enunciações como as de Aloysius, nas quais certezas são constituídas de um lugar de poder dentro de uma instituição social, fazendo apelo à emoção e não aos fatos, como lhe diz Flynn ao final do último recorte – “Mesmo que você sinta certeza, isso é uma emoção, não um fato” (SHANLEY, 2008, p.87) –, tornaram-se comuns em nossa sociedade contemporânea. O que tem sido chamado de pós-verdade é um exemplo disso. Porém, a certeza de Aloysius, embora produza efeitos tão nefastos quanto, não se constitui como pós-verdade.

A pós-verdade já é reconhecida como um fato da gestão governamental para moldar a opinião pública a partir do apelo emocional ou crença pessoal e não por

¹⁰ “a coordenação por *mas* indica que o segundo argumento, orientado no sentido inverso do primeiro, deve ser considerado mais determinante” (DUCROT, 1980 [1973], p.189).

referência a fatos objetivos. No Brasil, por exemplo, por meio da pós-verdade foi possível impedir presidentes democraticamente eleitos, prender um ex-presidente, eleger candidatos descompromissados com a democracia, etc. Vejamos a definição de pós-verdade do *British Oxford Dictionary*:

Pós-verdade: Relativo a ou referente a circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos a emoção e crenças pessoais.

'Nessa era de política da pós-verdade (...)'

'Alguns comentaristas têm observado que nós estamos vivendo numa era de pós-verdade'

(Disponível em: <https://bit.ly/3b39aFF>) [tradução minha]

Zoppi Fontana, ao analisar o trajeto temático da definição do verbete *pós-verdade* no *British Oxford Dictionary*, após ser considerada a palavra do ano de 2016 por esse dicionário, constitui como *corpus* enunciados da imprensa sobre a pós-verdade e o verbete da palavra na Wikipedia em inglês, português e francês. Segundo a autora, “a pós-verdade acaba sendo significada como um tipo particular de relação do *locutor com o acontecimento da enunciação*” (ZOPPI FONTANA, 2018, p.157). As características dessa relação seriam as seguintes:

“Com efeito, não se trata das práticas enunciativas de um locutor qualquer, mas somente daqueles que ocupam lugares institucionais de destaque na cena política global: Donald Trump, os defensores do Brexit (primeiro-ministro) no Reino Unido, Michel Temer no Brasil. (...) Por um lado, encontramos alusões a uma enunciação que se destacaria por seu *excesso*, tanto na quantidade (um *dizer excessivo*), quanto na voz (*vociferante*) e no tom (*arrogante*) (...). Por outro lado, destacasse, nesse modo de enunciar, o apelo à emoção por sobre o fundamento na razão. O *pathos* prima sobre o *logos* e produz a adesão irrefletida do interlocutor” (ZOPPI FONTANA, 2018, p.157-159).

A certeza da Irmã Aloysius, ao contrário do que ocorre na pós-verdade, não se destaca pelo *excesso*, no que diz respeito à quantidade (um dizer excessivo). Ditas de um lugar de destaque institucional, na prática da pós-verdade, as certezas ganham ampla circulação na mídia “o que faz ecoar os enunciados, naturalizando seus sentidos como gestos hegemônicos de interpretação dos fatos da atualidade” (ZOPPI FONTANA, 2018, p.158). Já a certeza de Aloysius não é respaldada pelo que diz o zelador da escola, pela mãe de Donald, pela professora e nem mesmo pelo Monsenhor da Igreja, como sabemos pelo diálogo entre Aloysius e James antes de seu choro dizendo ter dúvidas –

“Oh, eu contei ao nosso bom Monsenhor. Eu cruzei o jardim e contei a ele. Ele não acreditou que era verdade” (SHANLEY, 2008, p.92).

Ainda assim, Aloysius consegue construir um efeito de certeza no confronto verbal com o Padre Flynn que o leva a pedir transferência da Igreja como a diretora exige. Um dos recursos da argumentação de Aloysius para isso é a mentira. No confronto com Flynn, o efeito de certeza de Aloysius ganha força argumentativa se valendo de uma mentira. A conversa com a freira da paróquia onde o Padre trabalhou anteriormente, como dissemos, respalda a certeza de que Flynn teria dado vinho para Donald beber e deixado o aluno levar a culpa por isso. As certezas produzidas pela pós-verdade não precisam de um respaldo mentiroso, seja porque conseguem respaldo pela sua ampla e rápida circulação na mídia, seja porque podem se configurar como uma prática deliberada de mentira, como consideram alguns textos analisados por Zoppi Fontana (2018, p.156-157) em seu *corpus*.

Analisando esse último caso, Zoppi Fontana (2018) considera que os textos colocam em primeiro plano a função-autor e explica: “identificar uma prática enunciativa como uma mentira supõe considerar um sujeito que enuncia deliberadamente aquilo que sabe que não corresponde aos fatos, ou seja aquilo que julga falso” (ZOPPI FONTANA, 2018, p.157). Na prática da pós-verdade temos então um efeito de certeza produzido por um sujeito mentiroso ou por um sujeito cuja enunciação busca fundamentar seu dizer em sua crença pessoal ou emoções e não na objetividade dos fatos. Já a prática enunciativa de Aloysius articula esses dois sujeitos: sua certeza é efeito de uma emoção, de um “sentimento de certeza”, que tem respaldo em uma mentira contada por ela mesma.

A certeza de Aloysius é construída a partir da enunciação da dúvida de James que ela nega. O *corpus* analisado por Zoppi Fontana (2018) não trata da relação entre a negação de dúvidas e a prática da pós-verdade. Por outro lado, se nos recortes analisamos a construção da certeza de Aloysius pela negação da dúvida, na interlocução com James ao final do filme, Aloysius afirma ter dúvidas e chora:

IRMÃ ALOYSIUS – Oh, Irmã James!

IRMÃ JAMES – O que é, Irmã?

IRMÃ ALOYSIUS – Eu tenho dúvidas! Eu tenho tantas dúvidas!

Irmã Aloysius está tomada por emoção. Irmã James coloca sua mão para confortá-la. Ela se ajoelha ante a Irmã Aloysius.

FIM.

(SHANLEY, 2008, p.93) [tradução minha].

Essa cena final é o gesto de um locutor-roteirista cuja cena enunciativa não se confunde com a cena dos personagens porque é o responsável por colocá-los em cena no roteiro e os fazer falar. Ao nos apresentar essa confissão de dúvida de Aloysius para James, o locutor-roteirista coloca em xeque toda nossa compreensão sobre a construção da certeza feita ao longo do filme. Com essa confissão, ele busca confirmar seu dizer dito por Flynn na cena de abertura. Nela, o Padre está em uma missa contando uma parábola cuja moral é: “A dúvida pode ser um elo tão poderoso e sustentador quanto a certeza” (SHANLEY, 2008, p.08). Do lugar de locutor-roteirista, a história de Aloysius contaria sobre a construção de uma certeza que não se dá nem por uma ordem de fatos comprovados, pois ela mente para respaldá-la, e nem por suas emoções ou seu “sentimento de certeza”, pois ela, na verdade, estaria em dúvida e sofrendo por causa disso. Desse modo, o locutor-roteirista leva seu leitor e espectador (quando o roteiro é cinematografado) a questionar a antonímia de “dúvida” e “certeza”, pois diz a eles que a certeza de Aloysius, até então construída pela negação da dúvida, foi, na verdade, construída por meio dela. Haveria então certeza na dúvida. Dessa perspectiva, a certeza de Aloysius também não se confundiria com o modo pela qual certezas são criadas pela pós-verdade, pois não faz parte dessa prática colocar em dúvida suas emoções ou crenças pessoais.

Embora o filme de Shanley tenha sido inspirado na prática da pós-verdade do governo americano ao invadir o Iraque em 2003, a história de Aloysius, pelo prisma da Semântica do Acontecimento, mostra-nos que a construção de sua certeza não se confunde com o modo como certezas são construídas na pós-verdade. E, não menos importante, sua relação contraditória com a dúvida nos mostra uma complexidade na produção de certezas que não se limita a uma anterioridade da certeza em relação à dúvida, como no diz Wittgenstein (1969, p. 103): “Comportamento de dúvida e de não dúvida. Só há o primeiro se houver o segundo”. A história de Aloysius nos mostra que uma certeza pode ser construída pela negação de uma dúvida, ou mesmo, e mais curioso, ser constituída pela prática da dúvida.

REFERÊNCIAS

ANSCOMBRE, Jean Claude.; DUCROT, Oswald. (1976). L'argumentation dans la langue. In: _____. **L'argumentation dans la langue**. Paris: Pierre Mardaga, 1983 [1976].

ANSCOMBRE, Jean. Claude.; DUCROT, Oswald. Leis lógicas e leis argumentativas. Trad.: Maria Aparecida Barbosa et. ali. In: DUCROT, O. **Provar e dizer**. São Paulo: Global Universitária, 1980 [1978], pp.229-261.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes, 2005 [1966].

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Trad. Eduardo Guimarães et. al. Campinas: Pontes, 2006 [1974].

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa**: una introducción a la teoría de los bloques semânticos. Org. María Marta G. Negroni e Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue: 2006

DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica linguística**: dizer e não dizer. Trad.: Carlos Vogt, Rodolfo Ilari, Rosa Attié Figueira. São Paulo: Cultrix, 1972 [1977].

DUCROT, Oswald. As escalas argumentativas. In: _____. **Provar e dizer**. Trad.: Cidmar Teodoro Pais et. al. São Paulo: Global Universitária, 1980 [1973].

DUCROT, Oswald. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. Trad.: Eduardo Guimarães. In: _____. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987 [1984], pp.161-218.

ELIAS DE OLIVEIRA, Sheila. **Igreja Universal do Reino de Deus: uma análise de argumentação em perspectiva discursiva**. Dissertação de mestrado. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Unicamp, 1998, 115 pp. Disponível em: <https://bit.ly/2O2pLzw>. Acesso em: 27 jan. 2020.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, Eduardo. **Análise de texto**: procedimentos, análises, ensino. Campinas: RG Editores, 2011.

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica**: enunciação e sentido. Campinas: Pontes, 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Segmentar ou recortar?. **Série Estudos**, n.10. Uberaba: FIUBE, 1984, p.09-26.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Editora, 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad.: Eni P. Orlandi et. ali. Campinas: Editora da Unicamp, 1988 [1975].

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad.: Eni P. Orlandi. Campinas: Pontes, 2008 [1983].

SHANLEY, John Patrick. **Doubt**. 2008. Disponível em: <https://bit.ly/2uI1WWP>. Acesso em: 27 jan. 2020.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2004 [1916].

ZOPPI FONTANA, Monica. Pós verdade: léxico, enunciação e política. In: OLIVEIRA, Rosimar Regina R. de et. al. (Orgs.). **Linguagem e significação**: práticas sociais. Volume 2. Campinas: Pontes, 2018, p.133-166.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Da certeza**. Trad. Maria Elisa Costa. Lisboa: Edições 70, 1969.

Submetido em: 16/02/2020.

Aprovado em: 16/06/2020.

Como referenciar este artigo:

CASTRO, Vinicius Massad. *Dívida*: a construção de uma certeza. **revista Linguagem**, São Carlos, v.34, Número Temático, 2020, p. 148-166.